



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

JÉSSICA OLIVEIRA DE MATOS

VOCÊ DEVE ESTAR MUITO OCUPADO
Memorial da trajetória de um filme-ensaio

Vitória da Conquista

2025

JÉSSICA OLIVEIRA DE MATOS

VOCÊ DEVE ESTAR MUITO OCUPADO

Filme-ensaio apresentado ao Curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Vitória da Conquista, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Luiz da Silva de Oliveira

Vitória da Conquista

2025



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 16.825, de 04.07.2016
Colegiado do Curso de Cinema e Audiovisual - CCCA

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos sete dias do mês de julho de dois mil e vinte e cinco, às oito horas e trinta minutos, na Sala de Projeção Jorge Melquisedeque, no *campus* de Vitória da Conquista, realizou-se a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Você deve estar muito ocupado” (Média Metragem – Filme Ensaio) de autoria da estudante **Jéssica Oliveira de Matos**, para obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Integraram a Banca os(as) Professores(as) Rogério Luiz Silva de Oliveira (Orientador, Área de Cinema e Audiovisual – DFCH), Eder Amaral e Silva (Examinador Interno – Área de Cinema e Audiovisual – DFCH) e Micael Luz Amaral (Examinador Externo – Mestre em Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia / PPGCEL/UESB). O orientador abriu a sessão agradecendo a participação dos membros da Banca Examinadora, em seguida convidou a estudante para que fizesse a exposição do trabalho. Finalizada a apresentação, cada membro da Banca Examinadora realizou a arguição da estudante. Dando continuidade aos trabalhos, o orientador solicitou a todos(as) que se retirassem da sala para que a Banca Examinadora pudesse deliberar sobre o trabalho apresentado. Terminada a deliberação, o orientador solicitou a presença de todos(as) e leu a ata dos trabalhos, declarando a referida estudante APROVADA com nota final 9,5 (NOVE PONTOS E MEIO). Em seguida, deu por encerrados os trabalhos, lavrando a presente ata que vai assinada por todos os membros da Banca Examinadora.



Rogério Luiz Silva de Oliveira
Presidente



Eder Amaral e Silva



Micael Luz Amaral

AGRADECIMENTOS

Palavras não são o suficiente para mostrar tamanha gratidão por tudo e todos que me ajudaram mesmo antes do progresso de iniciação da graduação. Sou grata a Deus por indescritivelmente ser perfeito em minha vida. Obrigado a meu antigo professor de fotografia Micael Aquillah, não só pela indicação do curso de cinema em questão, mas também por me ensinar anos atrás a fotografar com o olhar. Obrigado ao professor Eder Amaral que em sua enciclopédia de cérebro e bons ensinamentos me ajudou no início do meu projeto, quando tudo ainda era apenas um emaranhado de ideias. Obrigado ao professor Rogério Oliveira pela paciência e ensinamentos durante todo curso e orientações, foi um privilégio poder contar com sua ajuda em um projeto que é muito importante para mim. Obrigado a minha mãe, irmãos e sobrinho por serem motivo de amor e força em cada passo de minha vida. A todos o meu mais sincero, OBRIGADO.

RESUMO

O presente filme-ensaio audiovisual tem como objetivo destacar um aspecto pouco explorado da fotografia: sua capacidade de induzir à pausa. Em um contexto de vidas aceleradas, o projeto utiliza a memória como fio condutor para analisar e questionar o papel da fotografia como um registro que evidencia o extraordinário dos dias comuns. Busca-se, assim, fomentar a percepção da beleza intrínseca a esses momentos cotidianos e compreender as dinâmicas da sociedade apressada, ressaltando a importância da fotografia tanto como memória quanto como oportunidade de apreciação.

Palavras-chave: *Apreciação, cotidiano, fotografia, memória, rotina.*

ABSTRACT

This audiovisual film-essay aims to highlight a little-explored aspect of photography: its capacity to induce pause. In a context of accelerated lives, the project uses memory as a guiding thread to analyze and question the role of photography as a record that evidences the extraordinary within ordinary days. The goal is to foster the perception of the intrinsic beauty of these everyday moments and to understand the dynamics of a hurried society, it is worth highlighting the importance of photography both as memory and as an opportunity for appreciation.

Keywords: Appreciation, daily life, photography, memory, routine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem de caderno de anotações de ideias

Figura 2: Outras Anotações

Figura 3: Documento do roteiro em tela de edição

Figura 4: Making-off de uma gravação interna

Figura 5: Dia de gravação interna

Figura 6: Edição e correção de imagem

Figura 7: Timeline junção de imagens

Figura 8: Dia de gravação e montagem

Figura 9: Processos da Rotoscopia

Figura 10: Timeline junção de som

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 9 |
| 2. O SURGIMENTO DA IDEIA | 11 |
| 2.1 Práticas cotidianas da sociedade..... | 12 |
| 2.2 Fotografia e memória | 14 |
| 2.3 A escolha do filme-ensaio | 14 |
| 2.4 Referências audiovisuais | 18 |
| 3. O DESENVOLVIMENTO DA IDÉIA..... | 20 |
| 3.1 O roteiro do filme-ensaio | 22 |
| 3.2 Proposta narrativa | 23 |
| 3.3 Fotografia | 25 |
| 4. PÓS-PRODUÇÃO..... | 29 |
| 4.1 Montagem | 29 |
| 4.2 Rotoscopia | 33 |
| 4.3 Som | 34 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 37 |
| 6. REFERÊNCIAS | 39 |
| 7. APÊNDICE | 41 |

1. INTRODUÇÃO

“Hoje tudo existe para terminar numa fotografia” (Sontag, 2004, p. 23).

Este projeto parte de uma experiência individual através de uma observação no meu próprio cotidiano e que me levou a refletir sobre o tempo e memória no dia a dia. Onde resultou em mim a vontade de querer transformar todas essas ideias em uma obra audiovisual, precisamente um filme-ensaio sobre a importância da fotografia na rotina.

De início é essencial falar a importância da leitura nos nossos atos e hábitos pois vejo que foi dessa forma que conseguir carregar o trabalho desde o início até o final dele com mais carga intelectual e compreensível. Como defende Eco (1996, p. 42), “Um livro é um diálogo entre almas. A leitura é, assim, uma forma de perpetuar essa conversa, de fazer com que vozes distantes no tempo e no espaço nos falem.” E é dessa forma que me senti grata com a ideia de falar sobre o cotidiano e a fotografia surgiu cada vez mais concisa a cada livro lido. Foi ao ler *As coisas que você só vê quando desacelera*, do autor Haemin Sunim, que o tema se iluminou em minha mente.

Sempre ouvi falar da importância de ter como o tema final para um projeto de conclusão de curso algo que você goste ou tenha curiosidade por estudar. De fato, a fotografia já era de longa data algo muito valorizado por mim, mas em questão do cotidiano a forma que tive que ressignificar o meu próprio jeito de olhar para a rotina me proporcionou mais entendimento para poder dissertar sobre o tema para além do trabalho acadêmico. Pense, por exemplo, que eu não precisava ir longe para buscar inspirações dos planos e ideias de cenas para as gravações pois vinham diretamente em minha mente a cada dia e observação.

Então, a questão mais difícil seria como eu analisaria o cotidiano frenético sem romantizar ou até mesmo como controlar os meus próprios pensamentos criativos para a obra não ser baseada apenas em falas de frustrações pela vivência de dias repetitivos e maçantes.

A ideia central seria mostrar ao público como a fotografia pode ser vista como uma ajuda de pausa no dia a dia e que além disso pode ultrapassar para o campo da memória emocional e afetiva. Então neste trabalho audiovisual a meta sempre se propôs a ser um filme que não seria estruturalmente formal, mas sim migrar para o lado mais artístico e poético.

E foi da seguinte forma que preferi conectar o tema com o gênero que obtinha mais apreço neste caso, o filme-ensaio. Visto que foi um dos gêneros mais usados e praticado por mim durante o período da graduação. Na minha opinião, é um gênero que me proporciona mais liberdade criativa nesse assunto em questão pois suas características não são de fato normas e exigências que diz respeito a segmentos que se deve ou não obter no filme para se encaixar no gênero. Apesar do filme-ensaio ser por muito tempo enquadrado e assimilado como um documentário. Segundo Corrigan “Categorizar os filmes-ensaio segundo esses modos, reconhecidamente, é uma estratégia escorregadia, já que os filmes-ensaio invariavelmente sobrepõem e misturam vários desses modos ou figuras.” (2015, p.13)

Dito isso começarei a detalhar aqui neste documento o surgimento e desenvolvimento da ideia e em uma linha cronológica explicar as principais fontes teóricas que me ajudaram a fundir sobre as representações e intenções, seguidos de obras audiovisuais que me inspiraram imageticamente e posteriormente todos os processos de produção deste filme. Explicando de forma mais detalhada a princípio mudanças e desafios para o surgimento e criação da ideia, logo em seguida mostrando as experiências de criação do roteiro e detalhes de como se procedeu os processos das gravações e por fim particularidades sobre os processos e desafios enfrentados na pós-produção para chegar à versão final do produto.

2. O SURGIMENTO DA IDEIA

O surgimento da ideia está diretamente ligado aos aprendizados construídos em sala de aula no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Visto que, em cada disciplina ofertada até chegar neste projeto de conclusão de curso fui obtendo não apenas ensinamentos, mas também cada vez mais aprendizados e ideias do que gostaria de compor como produção final de curso. Junto a isso a análise comportamental de rotinas frenéticas e o papel da memória fotográfica em meio ao cotidiano de uma sociedade cada vez mais acelerada, fez-se cada vez mais presente em meus questionamentos.

De início a ideia principal seria trabalhar com a fotografia, mas pelo lado de quem está por trás da foto. O filme se chamaria *Por de trás do quadro* e nele eu analisaria por meio de um filme-ensaio ou documentário histórias de pessoas sobre fotos de família, precisamente para aquele pelo qual todos encaravam em suas fotografias. O fotógrafo. Com os seguintes questionamentos das motivações que nos levam tirar fotos e escolher o que eternizar. Outro questionamento também seria “Corremos risco de não ser eternizados por sermos a pessoa que registra por de trás do quadro?”. Lembro que na disciplina de Fotografia e Iluminação II ministrada pelo professor Rogério Oliveira em 2022.2, fiz um vídeo ensaio de 1 minuto sobre esse tema e pensei em me aprofundar um pouco mais.

Porém, existiu um tema que me chamou mais atenção no meio do processo de escrita do rascunho do projeto de conclusão de curso (TCC). E acredito que o start ou a ideia inicial se partiu com uma leitura pessoal minha do livro *As Coisas que Você Só Vê Quando Desacelera* do monge, professor e escritor Haemin Sunim. O livro é um convite a prestar atenção nas pequenas coisas que realmente importa no nosso dia a dia. Com o tema de trabalho, autoconhecimento, relacionamentos, espiritualidade, entre outros, a obra traz ensinamentos sobre o ato de desacelerar e da atenção plena. O que despertou meu interesse foi a frase que Sunim diz “Na vida há mais momentos comuns do que extraordinários. Esperamos na fila do mercado. Passamos horas indo para o trabalho. Regamos as plantas e alimentamos nossos animais de estimação. Felicidade é encontrar instantes de alegria nesses momentos mais corriqueiros.” (2017, p. 128-129) A última frase foi dita até em um segundo do meu filme, de tamanho apressado que tive de pôr em dado momento descobrir que era esse lado da fotografia que eu queria expor. A fotografia cotidiana e ela sendo o próprio objeto de desaceleração.

2.1 Práticas cotidianas da sociedade

Acredito que logo após a escolha do gênero que queria para este projeto, o descobrir sobre qual tema ou dispositivo a se expor como foco a ser exibido foi muito fluído, visto que tudo se partiu de uma análise também do meu próprio cotidiano. Assim como diversas pessoas o equilíbrio entre encaixar estudos em um horário e outra demanda de trabalho assalariado em outra hora do dia, da mesma maneira de tentar encaixar outros deveres como lazer ou interação social em um dia, tudo em apenas 24 horas, se tornam necessário para sobrevivência humana. Entretanto, fatos como esses veem cada vez mais sendo discutidos, pois são diversas rotinas dos mais diferentes horários e atividades a se fazer que ainda assim têm algo em comum. A falta de tempo de qualidade e do descanso físico e mental.

Este tópico me despertou bastante curiosidade desde o início porque não bastava eu ter como base a minha própria rotina, mas também a leitura do livro de Byung-Chul Han foi imprescindível para concepção deste trabalho por trazer um olhar mais atento sobre os hábitos da sociedade e os problemas que decorrem desta estrutura.

A sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre. Elas geram novas coerções. A dialética de senhor e escravo está, não em última instância, para aquela sociedade na qual cada um é livre e que seria capaz também de ter tempo livre para o lazer. Leva ao contrário a uma sociedade do trabalho, na qual o próprio senhor se transformou num escravo do trabalho. Nessa sociedade coercitiva, cada um carrega consigo seu campo de trabalho. A especialidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, acabamos explorando a nós mesmos. (Han, 2015, p. 25-16).

É evidente que este assunto é bastante abrangente e muito delicado, contudo, como discute o filósofo Byung-Chul Han em seu livro *A Sociedade do Cansaço* a análise feita antigamente por Foucault e caracterizada pela negatividade da proibição “você não deve”, foi substituída por uma sociedade do desempenho, marcada pela positividade do “você pode”. No qual o indivíduo está vez mais sendo impulsionado a ser produtivo e isso causa uma falsa sensação de liberdade por trás da exploração. É muito fácil atualmente, por exemplo, encontrar livros ou em vídeos métodos para ser mais produtivo. E isso causa malefícios quando o aumento de rotinas cada vez mais atarefadas ou até mesmo uma autocobrança ou autocomparação se tornam hábitos fixos que mais tarde venha se tornar algo prejudicial à saúde por conta do cansaço e do esgotamento excessivo.

Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção, que tem efeitos novamente na estrutura da atenção. A técnica temporal e de atenção multitasking (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório. A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. (Han, 2015, p. 31).

Han compara em sua obra o ser humano com animais selvagem, segundo ele são os animais que necessitam dessa atenção em tudo e ao mesmo tempo para sobrevivência e proteção. Visto que devem estar focados em sua alimentação ao mesmo tempo que não acabe se tronando refeição para outro animal. Contudo, ele defende também um outro tipo de atenção na qual o ser humano pode aplicar sem riscos, a contemplação.

A capacidade contemplativa não está necessariamente ligada ao ser imperecível. Justamente o oscilante, o inaparente ou o fugidio só se abrem a uma atenção profunda, contemplativa. Só o demorar-se contemplativo tem acesso também ao longo fôlego, ao lento. Formas ou estados de duração escapam à hiperatividade. Paul Cézanne, esse mestre da atenção profunda, contemplativa, observou certa vez que podia ver inclusive o perfume das coisas. (Han, 2015, p. 34).

É nesta fala de Han que identifiquei muito o que fui ensinada sobre o que é de fato a fotografia. Porque sinônimos como esses de pausa, contemplação do momento e atenção do presente sempre estavam ligados para mim com o fotografar. Então, quando resolvi analisar sobre meu cotidiano e como resultado de um olhar muito pessoal notei que eu só me lembrava de alguns momentos, de visitas em locais ou de interação com pessoas por meio de fotografias em minha galeria. Sendo assim, quando vi que de certa forma só estava verdadeiramente presente no momento apenas quando no instante qualquer eu resolvia registrar me deixou um pouco assustada. Visto que o fato de estar inserida numa rotina acelerada foi tirando de mim esse momento de contemplação apenas no olhar. E sem perceber era a fotografia que se tornou uma ponte para este momento de atenção plena que eu desejava. “Sem esse recolhimento contemplativo, o olhar perambula inquieto de cá para lá e não traz nada a se manifestar. Mas a arte é uma “ação expressiva”. (Han, 2015, p. 35). E foi a arte do fotografar que me levou neste produto audiovisual querer demonstrar a importância da fotografia no dia a dia. Não apenas como elemento de importância da memória, como defende Felizardo:

Essa facilidade com que se mostra ao mundo, do ponto de vista da memória, pode representar perdas inestimáveis, já que muitas fotografias ganham o seu devido valor – diríamos “o amadurecimento imagético” – a sua completa carga semântica, com passar do tempo. Esta constatação nos fez perceber o quão importante é manutenção de nossas fotografias, de nossos álbuns de família, de nossos museus iconográficos, pois nosso passado, nossa caminhada presente e futura, está atrelada à nossa memória. (FELIZARDO; A., & Samain, E, 2007)

Mas também como elemento da fotografia sendo a espera e a pausa, porque ao fotografar como defende Sebastião Salgado "É preciso ter paciência para esperar o que vai acontecer. Pois algo vai acontecer, necessariamente. Na maioria dos casos, não há como acelerar os fatos. É preciso descobrir o prazer da paciência" (2014, p. 10)

2.2 Fotografia e memória

Ao afirmar que “O filme-ensaio frequentemente se debruça sobre a memória, não como uma mera recordação do passado, mas como um processo ativo de construção e interpretação. Através da justaposição de imagens, sons e reflexões, ele convida o espectador a revisitar o passado de forma crítica e pessoal (2017, p. 42)” Agnès Varda nos propõe a refletir sobre a memória diferenciando-a de uma simples representação do passado e enfatizando seu caráter construtivo e interpretativo.

Como observado no capítulo anterior a construção da memória se torna capaz de relembrar o passado, moldar nossas narrativas e influenciar nossa compreensão do tempo e de nós mesmos. Como afirmar Sontag “Todas as fotografias são *memento mori*. Fotografar é participar da mortalidade, vulnerabilidade, mutabilidade de outra pessoa (ou coisa). Precisamente ao recortar este momento e congelá-lo, todas as fotografias testemunham a implacável passagem do tempo” (2004, p. 19). E ao fotografar muito do que poderia passar despercebido é paralisado.

É juntando todos esses assuntos e autores aqui citados que busco refletir a importância de separar um tempo em meio a toda aceleração da vida e essa cobrança excessiva de produtiva para praticar a contemplação como defenderia Han, a paciência como diria Sebastião Salgado e o congelar do tempo como afirmar Sontag. Seria fazer o “nada” sem se sentir culpado. Como diria Blanchot “A ausência de obra é talvez a obra” (2004, p. 27). Desse modo a ausência, o silêncio e pausa pode se tornar algo significativo visto de outra maneira. Assim como a fotografia e a memória.

2.3 A escolha do filme-ensaio

Antes de discutir sobre as experiências pessoais que tive com gênero de filme-ensaio é importante discutir o surgimento e importância dele. Em razão que não foi um gênero aceito de início e como defende Timothy Corrigan em seu livro *o filme-ensaio* este tipo de obra são as primeiras práticas que desfazem e refazem a forma cinematográfica. Então é de se imaginar a quebra de costumes audiovisual que se teve com a criação desse novo modo cinematográfico.

Pausa para uma busca no dicionário – a palavra ensaio (assim como a palavra *essai* em francês) significa prova, tentativa, experiência. Isso repercute de maneira bastante profunda no caráter do ensaio, que traz em si, como sua segunda pele, o experimental, o não definitivo, aquilo que não se exerce como última palavra, estando delimitado por um ponto de vista singular, sem a pretensão de verdade última ou absoluta a respeito de alguma coisa. Aquilo que não precisa de prova ou explicações de cunho

científico, pois se situa no campo da subjetividade de quem escreve, ou pensa. (Varda, 2017 p.161)

Compreendo que ao longo da graduação existiu três momentos que o gênero de filme-ensaio foi de suma importância para este projeto final. Primeiramente, o contato inicial que tive com gênero me recordo que foi em uma disciplina optativa de Fotografia e Iluminação II ministrada pelo professor Rogério Oliveira no período letivo de 2022.2. Por meio das atividades de produzir vídeos ensaios ao longo da disciplina, primeiramente de 1 minuto até se prolongar para um terceiro filme final de três minutos. Acredito que essa mudança gradual junto ao conteúdo ministrado fez com que o aprendizado sobre as características do filme-ensaio fixasse cada vez mais em minha mente e que me cativasse a produzir muita mais com este gênero.

Contextualizando o último filme que deveria ser produzido para o final da disciplina, foi feita por meio de dois objetos. Trazemos uma síntese que se tem muita memória em objetos, deveríamos então filmar e expor estes objetos a diversas situações e por fim produzir tudo contextualizando o porquê dessa escolha. Eu escolhi como primeiro objeto algo de grande valor afetivo, a minha primeira câmera e secundamente uma ampulheta. Portanto, o filme se trata de contar sobre como surgiu a vontade de fotografar e os desafios dessa decisão em minha vida e tudo isso atrelado ao tempo e a memória representado pela ampulheta. No vídeo em questão começo a falar sobre a difusão do que é arte e seus pensamentos contraditórios para vários estudiosos e uso a seguinte frase do livro de Fernando Pessoa para início de narrativa: “A arte consiste em fazer os outros sentir o que nós sentimos, em os libertar deles mesmos, propondo-lhes a nossa personalidade para especial libertação.” (Soares, 1982, p. 196). Dito isso detalhava como sentir essa libertação em fotografar a lua de forma mais veemente possível e terminava falando sobre a forma como cada um registra ou vê o mundo, cada um à sua maneira. E foi quando encaixar este projeto precisamente no modelo de filme-ensaio me proporcionou sem perceber uma espécie de paixão pelo gênero.

O segundo contato que tive com este gênero foi na disciplina de estética e linguagem ministrada pelo professor Cristiano Canguçu no ano de 2024, onde analisei em um vídeo ensaio o filme da Petra costa, *Elena*. Filme este que foi produzido em 2012 traz as recordações de Petra com sua irmã. Observo então que é muita mais que uma homenagem a obra traz uma reflexão sobre a memória. No vídeo em questão contextualizava o filme Elena com pensamentos de Charles Batteux, Benedetto Croce e Roger Fry. Como exemplo a ter como elemento de estudo a sonorização do filme da Petra que como Batteux diria no seu livro *As belas-artes reduzidas a um mesmo princípio*, se torna em belas-artes não só aquilo visto aos olhos, mas também ouvidos. A trilha sonora passa a ser um mecanismo de prazer e encanto nesta obra por transitar o espectador de uma cena para outra com muita leveza. Batteux também diria que o artista

molda o fato e no filme é possível ver como a diretora consegue transitar pelo passado e presente de forma poética. As afirmações como a de Croce feitas na sua obra *Breviario de estética*, onde a intuição pura deve estar livre de referências intelectuais e lógicas, mas sim de sentimentos eu detalhei sobre o sentimento que a Petra conseguiu exprimir na obra já que as vivências são dela e só ela poderia expor dessa forma o luto pela sua irmã. Ou seja, ela abre essa janela da vida dela para o espectador expondo seus sentimentos, que vai além de explicações lógicas. E por fim analisava como a estratégia de artes plásticas como a luz e sombra e a cor que defendidas na obra *Um ensaio da estética* por Fry se aplica na direção de arte no filme Elena e torna harmônico como uma espécie de unidade em cada plano.

Por último momento foi quando através das orientações do projeto de conclusão de curso tive contanto com indicações do filme da Agnès Varda intitulado “*Catadores e Eu*”, produzido no ano de 2000. A obra despertou grande interesse como objeto de estudo e, no primeiro semestre de 2025, foi o filme escolhido por mim para uma análise crítica. Apresentada em formato de vídeo-ensaio, a partir de uma leitura fílmica da obra de Varda.

Com as seguintes análises, pois em minha opinião, quando se fala sobre cinema palavras como entretenimento e encenação nos vem facilmente a memória. Entretanto, é possível notar uma coisa que pouco se fala e pouco se ver em diversos trabalhos audiovisuais: a empatia. Como afirma a autora Brené Brown “Empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro e compreender seus sentimentos e perspectivas. É uma escolha vulnerável. Para se conectar empaticamente com alguém, você precisa se conectar com algo em você que conhece o sentimento” (2017, p. 48). No filme *Catadores e Eu* é possível notar que o efeito pretendido com a explicação e identificação exposta já no próprio título não é apenas um recurso ilusório. O mecanismo notório a fim de conduzir o espectador ao tema central do filme é exposto logo de cara. Mas, é válido analisar os caminhos feitos pela diretora para concluir essa missão.

No seguinte documentário Varda explora de forma poética e firmemente social o ato de "respingar". Em outras palavras, catar, recolher os restos, as sobras, aquilo que foi abandonado ou descartado. E com sua câmera digital a Agnès viaja pela França, documentando a vida de diversas pessoas que usam ou dependem dessa prática. Explorando a relação humana com o que é descartado e o valor que pode ser encontrado nos restos. É um filme que questiona o que valorizamos na sociedade e convida à reflexão sobre o consumo e o desperdício. Como também a própria arte de observar e recolher.

Atualmente é possível notar cada vez mais roteiros sendo criados para agradar os mais diferentes públicos. Visando os lucros e retornos que se tem em troca de cada lançamento. Nesses casos, muitas vezes o ser humano é usado como objeto. E o que antes a ideia seria a

identificação entre a obra e o espectador se torna predatoriamente uma manipulação que visa a conexão. A grande questão é “se tem empatia ou vantagens em toda representação?”

Isso, porém, não acontece em *Os Catadores e Eu*. É possível notar que na direção tudo se baseia em não só apenas filmar as pessoas e seus atos ao respigar. Varda se coloca como intérprete em seu próprio filme. Seja a catar algumas batatas e levá-las para casa, ao mostrar sua moradia e sua mala sem esconder as imperfeições do lugar e objetos após dias de viagens e principalmente a assumir através da sua pele já enrugada sua opinião sobre a própria velhice se aproximando.

Catadores e Eu se mostra um exemplo positivamente empático quando através da direção Varda acima de tudo mostrar seu lado humana por trás da câmera que ao decorrer do filme passa a aprender o que fazer de melhor para retratar essa situação em que outros seres humanos são expostos e não apenas exibí-los esperando algo material em troca. Logo, a espera é diretamente ligada ao imaterial no sentido sentimental e empático como um filme deve ser. É um convite a uma análise individual, assim como a feita pela própria diretora, de como um posicionamento diferente nos impactaria com o consumo e desperdício exagerado da sociedade.

E ao atribuir o filme em si como “*catadores e eu*” Varda tem o seu efeito atingido porque a crítica aos comportamentos da sociedade é feita, mas é possível notar que a diretora se encaixou como parte do enredo como forma de mostrar o seu olhar sobre tudo aquilo sem tirar o foco das pessoas que vivenciam e faz como fonte de vida esta situação. Então ao colocar-se com o principal recurso além dos elementos audiovisuais, com o olhar da própria se é produzido um filme muito mais humano.

E ao analisar tanto o filme de Agnès Varda e de Petra Costa eu tenho uma visão muito ampla sobre elementos de inspirações para o meu próprio filme, uma vez que são filmes que a meu ver se encaixa muito sobre o que quero propor como tema e se caracteriza nesse filmar não apenas por filmar, mas um olhar amplo e empático sobre o outro. E é o filme-ensaio que ajuda a transmitir essa ideia por ser muita mais livre de regras e a imaginação mais desprendida como afirma Varda “Esse sentido, é a própria experiência do pensamento que põe em movimento imagens e sons entrelaçados por uma montagem conceitual, num jogo poético entre metáforas e metonímias. As imagens se aproximam umas das outras, dialogam num constante imbricamento de novos significados que se configuram como síntese, cada imagem transcendendo o seu significado primeiro.” (2017, p.164)

Existiu também um quarto momento com características parecidas já que a proposta era produzir um vídeo experimental de um minuto em uma disciplina de montagem da professora Patrícia Moreira. E este processo exigiu um pouco mais de concentração porque eu só tinha 60

segundos para passar uma mensagem ao espectador sem necessariamente fazer uso de voz-over. E em uma sequência de vídeos retirados da internet (sem direitos autorais por ser apenas um teste de montagem em sala de aula e sem nenhum vínculo com lucro ou remuneração). Eu decidi começar com um nascer do sol e logo após colocar imagens cotidianas como um despertador, ônibus, pessoas trabalhando, horas se passando, ônibus novamente dessa vez mais cheio, anoitecer e o nascer do sol novamente ao som de um despertador dessa vez perdendo a cor e ficando cada vez mais em P&B. Tudo isso com a música do Toquinho-*Aquarela* como base central do vídeo. O desfecho então proposto por mim seria mostrar essa repetição de rotinas e o cansaço por trás de tudo isso. E na minha opinião, a música *Aquarela* ouvida hoje com um pouco mais de maturidade diz muito sobre a incerteza da vida. E o “Que descolorirá...” usado pelo cantor me lembra muito uma metáfora sobre a perda da infância e a chamada para o crescimento. Indo para um dos vários mecanismos da fotografia sobre exprimir sentimentos, me veio em mente as fotos em preto e branco de pessoas falecidas. Isso, uma perda de uma vida resumida em uma fotografia “sem cor”.

É claro que as imagens em preto em branco não são usadas apenas para exprimir a perda, digo nesta conjuntura metafórico da arte sobre fazer o uso da perda de cores quentes para retratar a ausência de algo. No contexto do meu vídeo, a ausência do viver livre e diferente. Este estado de estar cada vez mais inseridos em rotinas onde as vivências se repetem dia a após dia. E essa foi mais um momento que fui cada vez mais me aproximando sobre o gênero e o tema que faço neste trabalho final.

2.4 Referências audiovisuais

É fato que obras audiovisuais são imprescindíveis para influenciar a percepção e a compreensão como também evocar emoções e criar conexões. E nos capítulos anteriores citei dois filmes que foram de grande inspiração pessoal. Mas, acredito que é válido destacar outras obras que ajudaram a construir uma ideia imagética a se encaixar em meu filme.

Filmes como o do diretor Win Wenders *Dias perfeitos*, lançado no ano 2023, acompanha Hirayama um homem de meia-idade que leva uma vida simples e contemplativa como limpador de banheiros públicos em Tóquio. Sua rotina metódica e silenciosa é pontuada por pequenos prazeres, como ouvir fitas cassete antigas e cuidar de suas plantas. O filme nos convida a refletir sobre a beleza encontrada na rotina. Além disso o personagem fotografa os seus dias e coleciona as imagens que mais o agrada. Acredito que este filme me cativou não só pelo assunto tratado ser sobre o cotidiano. Mas a fluidez dos filmes, a forma como o diretor usa

as imagens de dias repetitivos e cada dia mostra um pouco mais sobre a história, isso foi de grande inspiração visual.

Outro filme do Wenders foi *Alice nas cidades* produzido em 1974 que acompanha a vida de um jornalista chamado Philip Winter, que em uma confusão do destino acaba se tornando guardião da menina Alice. E nessa trajetória Philip perambulam pelas cidades por uma procura da família da criança e acabam por colecionar momentos. Me proporcionou então ideias de como encaixar imagens de viagens de ônibus em meu filme.

Um terceiro filme do Wenders foi o documentário *O sal da Terra* lançado em 2014 onde Wenders e Juliano Salgado acompanham a trajetória de Sebastião Salgado ao longo de seus 40 anos de carreira, registrando eventos marcantes da história recente, como conflitos internacionais, a fome e o êxodo de populações. Através do olhar dos dois diretores desse documentário é possível ver como a análise de imagens com a observação muito mais atenta pode mostrar muito da história de uma foto.

E por falar em análise de fotos é válido ressaltar uma série produzida por Agnès Varda "*Une minute pour une image*" (Um minuto para uma imagem). Transmitida na França em 1983, esta série de televisão de curta duração contou com Agnès Varda e diversos convidados discutindo uma fotografia diferente a cada episódio. Ao longo de seus 170 episódios, Varda explorava as nuances, a história e os significados de cada imagem, compartilhando sua visão única e perspicaz sobre a fotografia como expressão artística e registro social. E assim pude ter inspiração de propor um momento de análise de imagens em meu filme.

Sendo assim, é válido ressaltar que foram diversos filmes que me ajudaram a gerar ideias e entender os efeitos e recursos que utilizaria em meu próprio filme. Como afirma Marcel Martin “O cinema, por sua própria natureza, é um poderoso agente de influência, tanto pela sugestão de ideias e comportamentos quanto pela modelagem das emoções e da imaginação do espectador.” (2003, p. 157)

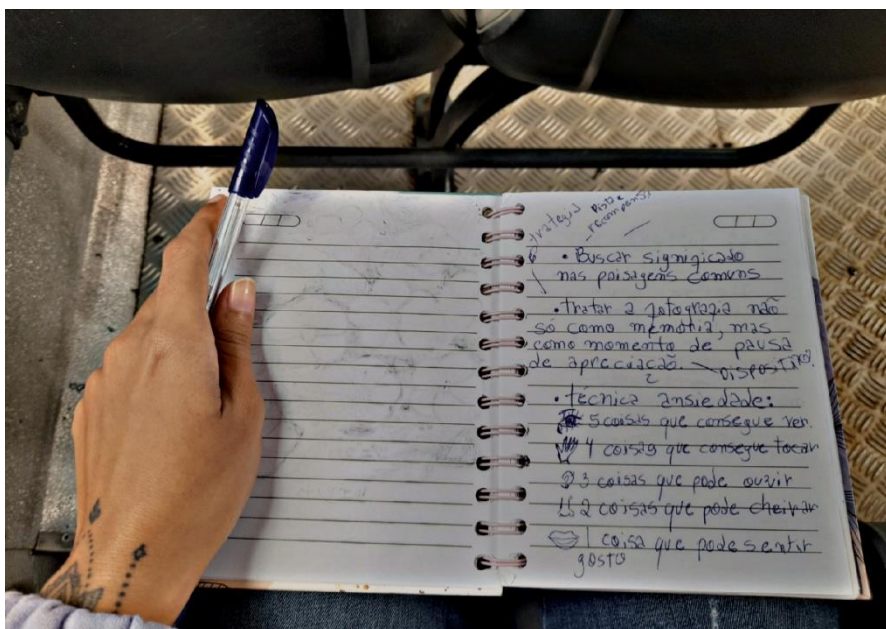
Por fim, acredito que é importante citar a série documental “*Caçadores da Alma*”, dirigida por Silvio Tendler e exibida pela TV Brasil em 2012, que mergulha no universo da fotografia através de episódios de cerca de 30 minutos. A produção foca na arte fotográfica ao apresentar seus protagonistas: os fotógrafos e suas obras. Sinto que o que me encantou nessa série foi ver a diversidade de fotografias e como cada pessoa registra e olha o mundo de sua maneira, o que me inspirou a falar sobre essa forma divergente de ver e apreciar as coisas da vida no meu filme.

3. O DESENVOLVIMENTO DA IDÉIA

Segundo King (1999, p. 3), “Escrever um roteiro é uma jornada de autodescoberta.” E essa afirmação resume como foi o processo de escrita, logo que ao longo do processo fui ganhando reflexões e descobertas que antes eram inimagináveis.

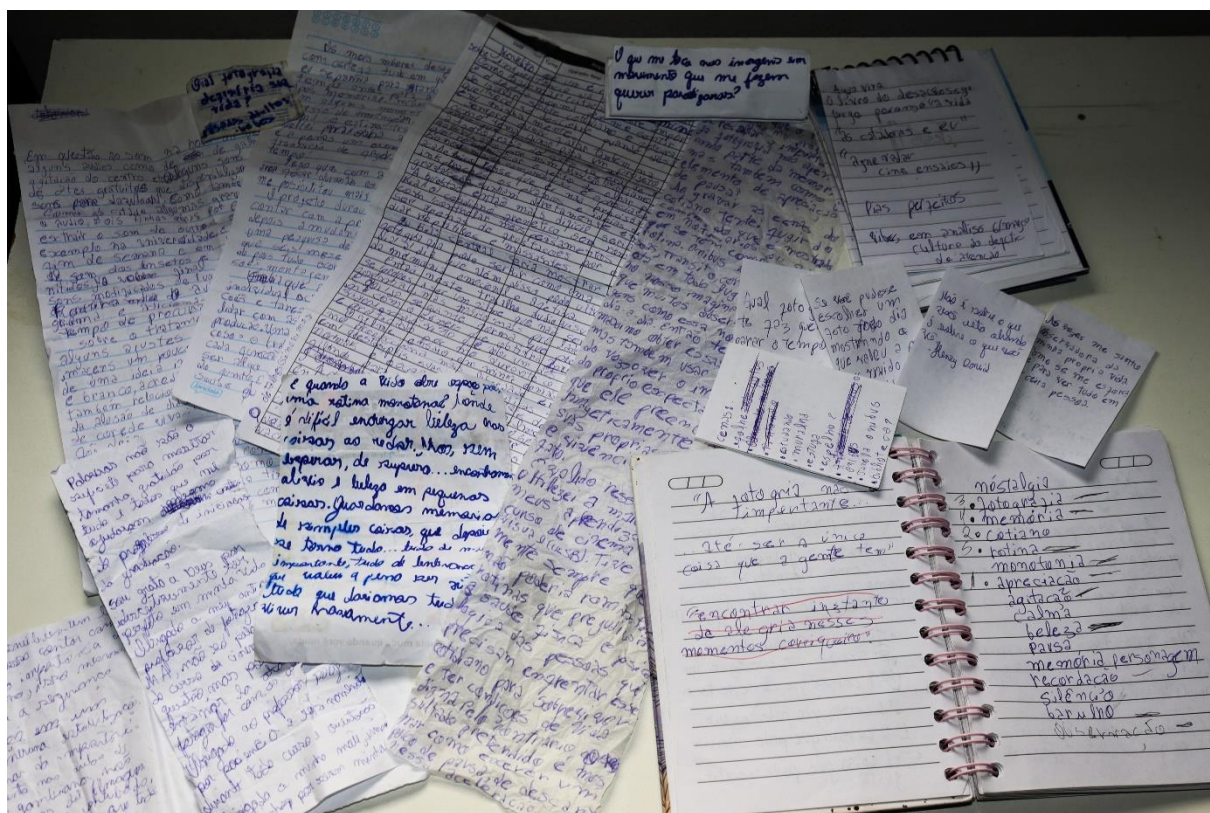
A construção do desenvolvimento do filme *Você Deve Estar Muito Ocupado* foi feita de forma bastante vagarosa. Já que a ideia central seria cotidiano e fotografia, eu mantive a minha mente sem cobranças excessivas. Uma vez que durante o processo eu estava inserida no próprio reclame da obra, em uma rotina agitada e repetitiva. Então, muitas das ideias foram escritas em pequenas pausas do trabalho. No começo até mesmo anotado em pequenas folhas de comprovante de ponto, mas logo em seguida de um jeito mais organizado e filtrado em um pequeno bloco de notas já que quando as ideias surgiam em meio ao cotidiano tinha que ser mais rápida e discreta o possível. Visando também não deixar a ideia cair no esquecimento por conta do cansaço. Algumas anotações foram no ônibus, assim poderia dizer que aprendi uma nova habilidade de obter uma caligrafia bastante controlada sob agitação. Mas, eu só tinha uma caneta e uma ideia, e as belas letras eram deixadas de lado a cada balanço do ônibus.

Figura 1: Imagem de caderno de anotações de ideias



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Figura 2: Outras Anotações



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Outro aspecto importante do desenvolvimento foi com certeza a escolha do título. Uma vez que o título de um filme é a primeira impressão, o eco do seu propósito. E como um nome, ele carrega a promessa do que virá, o convite à imersão. Eu diversas vezes postergava essa missão. Acentua-se então que foi o professor Eder Amaral que conseguiu de certa forma destrinchar e entender um pouco do meu pensamento, quando relatei a incógnita que estava em minha mente quando em um dado momento da pesquisa eu me questionei “O porque alguém assistiria o meu filme?” e nessa tentativa de encontrar qual seria o meu público-alvo e quais pessoas meu tema seria atingindo, que me foi sugerido esse título. Pois enfatizasse que todos estamos muito ocupados, inclusive quem se sentaria para ver o meu filme. O resto do diálogo eu não me lembro, mas a gratidão é eterna. Porque acredito que é um título que conversa diretamente com o espectador. Não dita idade ou alvo. Funciona mais como, se por livre e espontânea vontade alguém se interessar por assistir vai ser porque aconteceu, nem que seja por pouco, uma identificação.

Exatamente tudo eu usava como um objeto de anotações, por exemplo uma vez que enquanto trabalhava pensei na ideia de falar no roteiro sobre a impressão de que em alguns momentos na vida eu passava a enxergar as situações em terceira pessoa. Como sair do meu próprio corpo e se tornar apenas a observadora de mim mesma e de outras pessoas em cena. Me recordo que quando tive essa ideia estava ocupada então apenas escrevi no pulso “observadora” e passei quase um dia com esta palavra sem se lembrar que ela estava ali.

3.1 O roteiro do filme-ensaio

Figura 3: Documento do roteiro em tela de edição

| CENA | IMAGEM | SOM |
|------|--|---|
| | Cartela | |
| 01 | Fala preta vai surgindo um quintal. | Som ambiente (Galo?) |
| 02 | Plano fechado um pé de erva-cidreira. | Som ambiente |
| 03 | Close-up em flores de erva-cidreira. | Som ambiente |
| 04 | Plano aberto personagem entra no plano com uma "bacia" vazia em mãos. observa as folhas. | Som ambiente (Pássaros?) |
| 05 | Plano fechado mãos tocam alguns galhos e recolhe/sorta alguns galhos. | Som ambiente |
| 06 | Plano aberto personagem continua a recolher. | Som ambiente |
| 07 | Close-up galhos sendo colocados na bacia. | Som ambiente |
| 08 | Plano aberto lateral de personagem pegando os galhos. | Som ambiente |
| 09 | Plano médio personagem cheira uma folha. | Som ambiente |
| 10 | Close-up uma folha ou flor de cidreira em mãos. | Som ambiente |
| 11 | Sobreposição a uma cozinha (Sassanãia e fotos na parede) | Som ambiente (Crianças brincando na rua?) |

Fonte: Captura de tela do Microsoft Word, 2025.

Há partes do roteiro que também fiz em sala de aula. Então, em resumo, quando resolvi fazer a escrita oficial e organizada do roteiro precisava apenas estruturar todos os fragmentos de cada papel, caderno, anotações no celular ou em qualquer lugar que achava de escrever quando estava inspirada. Demorei em torno de uns 5 dias seguidos para ter uma versão “finalizada” do que queria como fala na voz-over, digo “finalizada” porque já é fato que roteiros sofrem diversas mudanças inclusive na produção ou montagem.

Opotei por fazer o roteiro digital em formato de tabela simples dividida em cenas, imagem e som. Acredito que dessa forma me ajudou muito na edição, no caso a forma de visualização e organização. É preciso destacar que não coloquei muitas informações sobre planos e ângulos de câmera foquei apenas nas marcações de descanso, som ambiente, voz-over e as imagens que se contextualizariam.

3.2 Proposta narrativa

Segundo David Bordwell “A narração no cinema é o conjunto de todas as operações causais e outras que apresentam a história ao espectador. Isso inclui não apenas a apresentação dos eventos da história, mas também as estratégias pelas quais esses eventos são selecionados, ordenados, e comunicados (1985, p. 60).” Conseqüentemente, é válido ressaltar as estratégias narrativas que usei como parte de um mecanismo de pista e recompensa ao espectador para exprimir minha proposta.

Como no capítulo anterior expliquei sobre as junções prática do roteiro e das ideias, é importante enfatizar quais são essas ideias. Na minha opinião, acredito que tudo se partiu em mostrar que nossos desejos nem sempre se alinham. Por exemplo, queremos paz, mas vivemos nos estressando com algo. Queremos conforto em um futuro próximo e nos adaptamos até lá viver rotinas que são o completo oposto. A contradição de escolhas nos cerca. A pressa a tudo toma conta. Então ao refletir que queria um filme sobre essa aceleração pensei em fazer cada plano mais lento. Contraditório, eu sei. Entretanto, o artifício dessa ideia seria destaca a pausa que nos falta e a apreciação que é deixada de lado. Mas, então como falar da pressa sem necessariamente mostrar a agitação? Fazendo chá. Estranho, eu sei. Observe por um momento, os processos de fazer um chá desde colher, lavar, corta, ferver, coar e adoçar a uma série de espera e de procedimentos que de certa forma se assimila com o cotidiano.

Um pouco estranho falar de momentos sem necessariamente mostrar para quem vê, imaginar-se ou pôr-se no lugar. É estranho mostrar no vazio de um ônibus um lembrete do que é cheio. Falar da pressa fazendo chá, algo que é usado para nos acalmar. O preenchimento imagético ou até mesmo a contradição como forma de que o espectador preencha com o que falta com as suas próprias memórias.

É interessante saber que com a liberdade criativa que se pode ter em filme ensaístico posso passear pelo que seria características consolidadas em outros gêneros, sem preocupações ou ressalvas. Como defende Corrigan “O filme-ensaio, assim como seu precursor literário, se caracteriza por uma liberdade formal que permite ao autor explorar ideias, memórias e associações de maneira não linear, muitas vezes rompendo com as convenções narrativas tradicionais em busca de uma expressão mais pessoal e reflexiva (CORRIGAN, 2015, p. 101).” Portanto, quando resolvi fazer uma espécie de encenação seja fazendo um chá ou me colocando como um personagem que escreve e dita tudo que é falado no filme sentir que o gênero escolhido foi combinatório para a proposta narrativa.

Ao tentar fugir do comum quando se trata do tema, por exemplo, com imagens frenéticas de pessoas no dia a dia ou locais e transportes lotados de civis. Procurei durante a

criação da ideia central obter uma maneira de não ser um trabalho audiovisual invasivo demais, seja ao filmar rostos ou situações que exibiam vulnerabilidade (por exemplo pedintes) como é comum nos centros das cidades. Vejo que em meus trabalhos sempre procuro um meio para que minha fala se assimile com as imagens mostradas. Então, ao querer detalhar as coisas que eu aprecio ou observo na rotina optei por usar eu mesma como personagem para guiar o trajeto do roteiro.

Como já citado acima obtive muitas referências e influências do filme de Petra Costa e Agnès Varda, e nas obras exemplificadas acima, vejo que em ambas essas mulheres se colocam como parte do enredo. No caso da Petra creio que é algo que exige um pouco mais de segurança e confiança pois é a diretora abrindo para o público uma história triste, pessoal e íntima dela. É possível ver, por exemplo as imagens da própria tanto criança quanto adulta no filme. Ou seja, ao contar a sua história ela não mostra apenas as imagens dela de infância. Também no presente do filme ela se insere na narrativa, o que deixa o filme muito mais belo e alto em poder de assimilação do público.

Já Varda além de se encaixar em meio as ações dos catadores e até mesmo mostrar seu lado mais pessoal como sua casa e seus pensamentos sobre a velhice. Vê-se que em uma imagem a própria tirando uma foto artística enquanto segura folhas, fotos essas inspiradas nos quadros e imagens mostradas ao longo do filme dos catadores.

Percebe-se que essas duas diretoras escolheram se colocar como parte da obra pois além de já se inserirem no próprio roteiro, a escolha de se posicionar a partir daí não só por de trás das câmeras, mas também dentro do quadro foi feita. E penso que é esse mecanismo que fortifica o poder da identificação com público. O fato do espectador poder ter uma visão bem mais humana no assunto tratado por ver e acompanhar os pensamentos e ações mostradas. Assim, observo que foi essa inspiração que também obtive atuar em meu próprio filme

Acredito que uma peça-chave para alcançar o dispositivo e a garantia que a mensagem por de trás da narrativa pudesse chegar ao espectador, foi de fato o encaixe de apresentar uma análise minha, mas com imagens do meu próprio cotidiano. Vejo que dessa forma a tendência de conseguir conectar-se com o público formou-se de forma mais assertiva. Veja que a ideia inicial seria apenas contar sobre esses questionamentos e pensamentos cotidianos que obtive durante a vida e no processo de escrita do filme. Porém, mais tarde o trabalho foi tomando outro rumo. Observa-se que o filme em questão entra muito no campo pessoal para mim, necessitando que tivesse o conforto em expor meus pensamentos e imagens. Estes quesitos entram muito no aspecto da vulnerabilidade visto que para tentar chegar até o público seja ao falar ou atuar em frente à câmera precisei antes entender como usar essa alternativa de interação com o espectador. E como resultado, a decisão de mostrar um pouco do meu lado vulnerável diante

da câmera e na direção. Ao contrário do que muitos pensam, eu não vejo como um problema colocar-se neste lugar de palco para a "fragilidade" pelo contrário acredito que é preciso ter propositalmente muita força e coragem para exprimir o que sente. E então usando esse artifício mais humano e empático de interação com o público a fim de um resultado conectivo, vejo que em nenhum momento tornar o trabalho mais vulnerável foi um problema.

3.3 Fotografia

Quando se fala sobre fotografia faço das palavras de Sebastião Salgado a minha fala quando ele diz que “A fotografia é a minha linguagem. Mais do que palavras, são as imagens que me permitem comunicar o que vejo, o que sinto, a minha compreensão do mundo e das pessoas. É através da câmera que eu me conecto com as histórias e as levo até outras pessoas (SALGADO, 2014, p. 28).”

Figura 4: Making-off de uma gravação interna



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Então, ao falar sobre fotografia divido em duas partes: Referências fotográficas e experiência de como foi fazer a fotografia neste filme. Partindo primeiramente das referências plásticas que obtive em meu processo além das vistas nos filmes citados. De início já obtinha uma pasta com uma série de fotos com inspirações do que seria inserido como direção de arte, mas foi ao longo do processo que fui conseguindo equilibrar a ideia de urbano e rural como fonte de imagens. E conseqüentemente, descobrindo que as imagens gravadas seriam com um pouco mais de contraste, umas com baixa luminância e mais saturada para evidenciar e assimilar metaforicamente com a cotidiano.

O processo de filmagem apesar de um pouco cansativo foi bem tranquilo de se fazer. Visto que a maioria das gravações fui só eu a atuar na frente da câmera e atrás dela, o que tornou o trabalho um pouco mais exaustivo. Porque era uma mão no *display* e outra colhendo folhas, uma configurando a tela e outra fazendo chá. Desta maneira, as gravações que necessitavam de uma atuação eram mais demoradas.

Os materiais utilizados para gravação foi uma câmera Canon sl3 e como ressalta importante algumas imagens foram de celular por ter facilidade durante o trajeto do ônibus. Um tripé também foi usado nas gravações externas e acredito que um objeto de suma importância foi uma bandana, já que ela possibilitou a segurança após uma amarração num tripé sem nenhuma estabilização ou segurança para a câmera. Por isso, o mais válido dos ensinamentos nas aulas de como cada gambiarra salva nos dias de filmagem rendeu um ganho no quesito segurança e precaução.

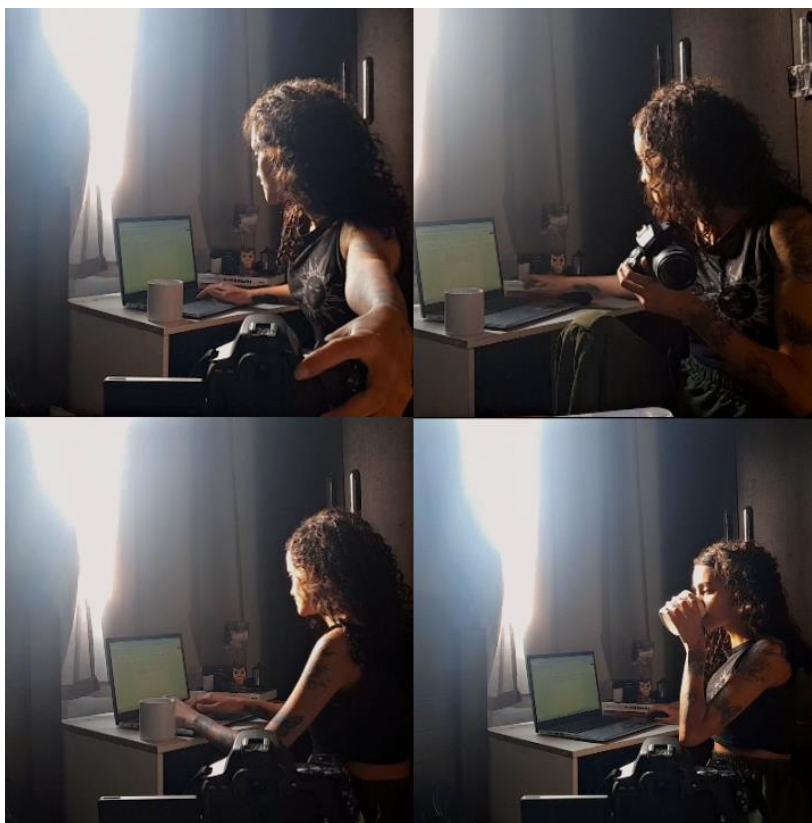
Infelizmente, não detalhei datas e especificações de dias de gravações externas. Em razão de muitas imagens serem gravadas no trajeto que eu faço todos os dias da faculdade para casa. Mas, logo que pensei em todas as gravações que mostraria o processo do preparo do chá percebi que precisava de um local que deveria ter um pé de erva-cidreira. Inicialmente seria no fundo do quintal da casa de minha mãe, mas logo consegui encontrar um cenário no trabalho dela, o que foi um ganho enorme por ser um lugar, em minha opinião, cenograficamente mais bonito. Existiam em maior destaque no plano um pé de boldo, mas concluir como escolha por apego emocional e sensorial a cidreira. Logo, fiz a visita técnica e constatei que seria um ótimo lugar. Eu só não contava que no dia da gravação externa a cidreira estaria um pouco menor e o local ao lado com muito barulho de obra. Problemas que pensei comigo mesma “Eu resolvo na pós”. Me arrependo? Sim, um pouco. Mas no geral foi muito fluido as gravações porque eu já tinha o roteiro em mãos ditando quais cenas eu deveria encenar e gravar. O sol forte mesmo pela manhã tornou as coisas um pouco mais cheio de fadiga e os vários espinhos pequenos pelo local tornou tudo um pouco mais doloroso. Analiso enquanto escrevo que estava com tanta ânsia de pôr um *checklist* em cada cena que esses empecilhos citados só foram dados como um problema agora.

No mesmo dia gravei as cenas na cozinha da minha casa, em razão de já estar com várias folhas colhidas e com a tarde livre. Então, as gravações internas resultaram em uma mudança no roteiro. Porque a ideia seria mostrar que enquanto a personagem (Eu) fazia o chá daria pausas no processo e escreveria. Entretanto, a minha cozinha é muito pequena até mesmo o tripé ocupou um lugar mínimo. Decidi então gravar essas cenas em locais diferentes acreditando que seria possível tornar essas pausas do preparo do chá para a ir para a bancada de escrita visível com a montagem. Pois sozinha não conseguia um plano que mostrasse a pia e a mesa da cozinha

com o notebook posto em cima. Demorei um pouco porque não era só fazer o chá. Era fazer e gravar. Procurando ângulos e utensílios. Um adendo para a chaleira de apito que tive que comprar porque não achei ninguém que ainda obtinha uma. As gravações se estenderam até a noite porque tinha apenas uma bateria na câmera e nesse período manhã e tarde já tinha durado o tempo suficiente.

Por fim, as gravações internas em outro local escrevendo. Essa fiz em meu quarto e foi dividida em dois dias. Porque na hora da gravação no primeiro dia, onde o chá já estava feito e todos os ângulos testados começou-se uma nova obra e barulho de construção, dessa vez não adiei a guerra apenas desisti dela. Pois era a única cena que eu precisava falar apenas uma frase, então achei melhor regravar do que fazer uma dublagem na pós. E o segundo dia ocorreu tudo mais organizado e tranquilo em questão de ruídos externos.

Figura 5: Dia de gravação interna



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Outras gravações foram feitas na Universidade (UESB) e outros registros de viagem, mas não foram necessariamente separado um dia para tal. Apenas tudo caminhou em ideias mesmo antes de sair de casa que nos locais onde estava compilou em gravações externas para o filme. Em questão de fotografias cotidianas tentei ao máximo não fazer vídeos mostrando os rostos de perto das pessoas, observa-se por isso muito pés e passos. Acredito que mais por uma

questão de respeito e porque a questão do retrato mais pessoal de outras pessoas não foi muito pensado por minha parte, então foi descartado.

No dia 19 de maio de 2025 houve um penúltimo dia de gravação nas ruas do centro, a razão pela qual foi algo a ser adiado e ocorrer durante o processo de edição foi porque em questão de ser um trabalho individual. Para as cenas que necessitavam de mim mais como uma personagem eu precisei de ajuda extra. Nesse caso em questão meu irmão que assumiu a fotografia nessas imagens. A princípio a ideia seria gravar em apenas uma avenida onde possuía um muro com grafites e o local escolhido foi a Av. Frei Benjamim próximo ao antigo Aeroporto de Vitória da Conquista - BA. Porém, as gravações se estenderam para cenas em ônibus e no centro da cidade. Tudo foi em menos de 3 horas porque o roteiro do que fazer em cada cena já estava planejado e escrito. As gravações nesse dia foram feitas pelo celular por conta da praticidade para meu irmão que estava por de trás da câmera e também um certo receio pela segurança da área naquele horário pela manhã.

Acredito que o maior erro cometido nesse trabalho foi quando gravei as cenas na qual eu estava a digitar um texto como se escrevendo o que é narrado no vídeo em pausas enquanto faço o chá. Que obtive a ideia de mostrar uma tela de um programa de digitalização (como exemplo a figura número 3) em baixa opacidade por cima dos vídeos reproduzidos. Contudo, houve um erro de sequência, já que eu não estava com a pulseira na qual eu estava em todos os processos de fazer o chá. Então, optei por regravar. Um mínimo detalhe, mas que para me atrapalhou pois perderia o sentido do roteiro. Por exemplo depois do chá pronto, na roteirização eu continuaria a escrever até o chá esfriar. Se eu tinha acabado de fazer o chá, não teria por que a pulseira sumir enquanto estivesse digitando.

4. PÓS-PRODUÇÃO

É certo que a pós é uma etapa definitiva para o trabalho, pois é nela que se concretiza a forma do filme e traz o significado pretendido para a obra. Como afirmar Murch (2017, p. 23), “A montagem é o lugar onde a arquitetura, a música, a psicologia, a narrativa e a emoção se encontram. É o único lugar onde todos esses elementos, em seu estado final, se encontram para formar o filme.” E é procurando essa formação final fílmica que neste capítulo então narro os percursos e caminhos utilizados para a montagem do meu produto audiovisual.

4.1 Montagem

Como defende Sergei Eisenstein “O cinema é, antes de tudo, montagem. O sentido nasce do choque entre duas imagens” (2002, p. 39, 47).” Porque se parar para pensar a montagem tem grande poder de manipulação. E acho incrível como uma música, um filtro ou até mesmo ordens de frames pode mudar completamente a forma do filme.

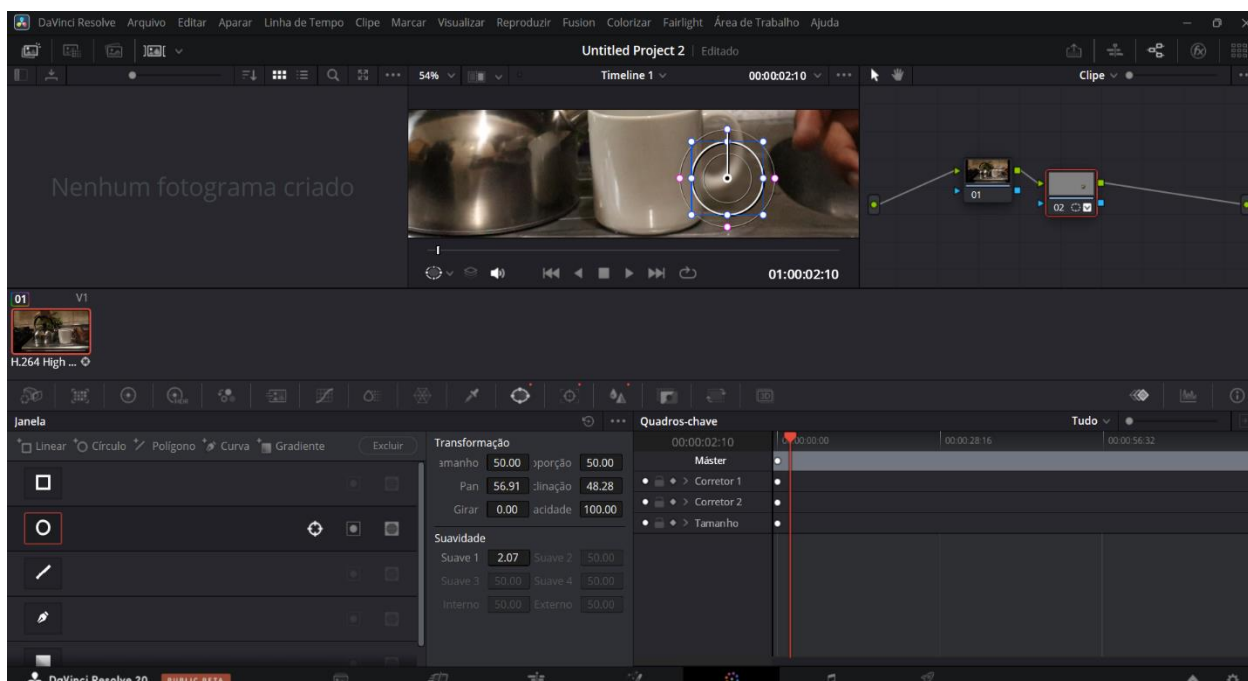
Tive poucas experiências com montagem que exigia um certo nível de dificuldade como a pretendida para este filme, então esse processo foi um pouco desafiador. Porque exigiu de mim uma procura apurada até mesmo de sons ambientes, trilha sonora que se encaixasse com a voz-over, filtros, edição de texto narrado e escrito pela personagem etc. No início tentei editar pelo editor Vegas, mas não me adaptei bem. Então migrei para o DavinciResolve que após várias aulas do seu funcionamento, me vi completamente parada por erros em transições. Sei que se eu insistisse um pouco mais ia conseguir me apegar e achar a funcionalidade mais prática.

Também levei em consideração em editar pelo Adobe Première, uma vez que utilizei na maioria das vezes ao longo do curso, mas também exigiria um tempo a mais para investigar o programa pois usava em aula apenas funções básicas e só agora possuo um computador para investir cada programa mostrado no Laboratório de Montagem. No entanto, fiz a maioria do meu trabalho sozinha e não podia perder tempo tentando entender ajustes de programas em um curto período de tempo, que é o que me restava porque só podia editar nos fins de semana. Relembrando que durante um período da faculdade eu usava no celular um aplicativo de edição chamado CapCut pensei então que poderia usar o mesmo para fazer os ajustes mais básicos de forma mais rápida agora no notebook. E logo após passar para o DaVinci para correção de cor, filtro ou ajustes que não encontrasse no programa mais básico.

O Davinci se fez necessário porque ocorreu um erro técnico durante as gravações que foi passado despercebido por ser um minúsculo detalhe, um pixel de luz que é como se fosse

um pequeno círculo vermelho na imagem. Onde de forma manual foi possível tirar no Davinci das imagens que mais me incomodava.

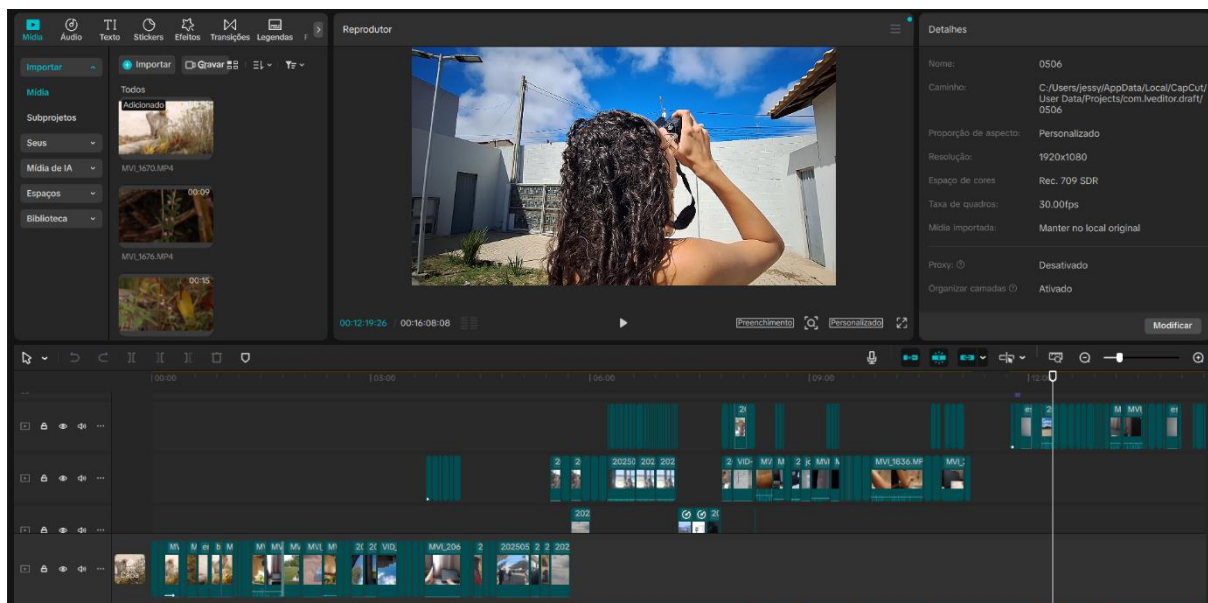
Figura 6: Edição e correção de imagem



Fonte: Captura de tela do editor Da Vinci, 2025.

Sobre a edição depois de algumas centenas de travamento de tela, dois programas de edição, gravações sem plano sequência e uma procura desesperada por uma trilha sonora que encaixasse perfeitamente tudo ocorreu de forma linear e bem. Acredito, que fiz a escolha certa em fazer os cortes mais simples em um editor que eu tinha mais familiaridade, isso poupou um pouco mais tempo. E as edições se seguiu de olhar qual cena se seguia no roteiro, fazer a decupagem de qual das tentativas gravadas foram aprovadas, importar para o programa de edição, editar do jeito certo e voltar para o roteiro para marca o *checklist*. E o processo reiniciava. Claro que algumas decupagens e escolhas de cenas foram feitas antes e algumas também foram mudadas de lugar mesmo estando no roteiro em outra ordem. Entretanto, acredito que essa forma de decupagem e edição ao mesmo tempo funcionou para mim.

Figura 7: Timeline junção de imagens



Fonte: Captura de tela do editor CapCut, 2025.

A montagem geralmente acontecia em fins de semana e de forma muito fluida. Como defendia Hitchcock (1993, p. 54), "Para mim, o filme é feito no papel. Quando filmo, eu já tenho a imagem final na cabeça. Na sala de edição, é apenas uma questão de juntar as peças." Então, foi como se fosse um quebra-cabeça no qual eu já tinha as peças (imagens gravadas) as instruções de como resolver (roteiro) e dessa forma era só montar (editar cada coisa em seu lugar).

É válido ressaltar, que essa frase de Eisenstein pode aparentar que a montagem é algo simples e mecânico. Entretanto, uso ela como referência de citação apenas para salientar da importância de como a organização prévia, no meu caso de como a ideia fixa em minha mente de como queria o filme junto ao roteiro me possibilitou uma montagem mais fluída e dinâmica. Porém, a montagem vai muito além de métodos e procedimentos. Existe nela caracteres de muita importância: a criatividade e a significação. Como Defende Maria Dora Mourão na obra *A montagem cinematográfica como ato criativo*.

A montagem cinematográfica não pode ser vista somente como um procedimento técnico em que planos são combinados com o único objetivo de traduzir o que está previsto no roteiro ou no pensamento do diretor. A montagem é essencial no processo de realização de um filme (ou de uma obra audiovisual) uma vez que é o momento em que se organizam os materiais e se define a estrutura da narrativa no jogo que se instaura na associação de imagens e sons. Vista como um momento de criação ela se impõe e passa a ter um papel central e significativo. (MOURÃO,2006 p.231)

Ao refletir que a montagem não é apenas um seguimento de planos organizados de forma categórica e sim algo que necessita de criatividade para criar sentidos e sentimentos ao espectador Mourão nós traz a reflexão de que:

É na maneira como o cinema articula as imagens e os sons e os aproxima que o transforma em discurso. Criam-se novos sentidos, uma nova lógica onde os significados não são transparentes, nascida da associação de fragmentos. Justapõem-se duas realidades: a da vida propriamente dita e a do filme, a do discurso e, ainda dentro do filme, a justaposição de planos determinando novas leituras das imagens. (MOURÃO, 2006 p.246)

Voltando a falar da montagem, houve um problema encontrado na hora da edição, visto que percebi que o meu método de fazer o *checklist* de quais cenas foram gravadas apenas em minha mente não deu certo. Visto que na pós descobri que faltava algumas imagens. Entretanto, foi resolvido rapidamente o mesmo dia. Pois faltava apenas imagens de frases coladas na parede e de mim fotografando. Então as gravações foram feitas rapidamente na entrada do condomínio onde moro dessa forma tudo foi resolvido e a montagem se seguiu tranquila.

Figura 8: Dia de gravação e montagem



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Em questão das frases escolhidas para conectar com a narrativa, em meio a toda voz-over, não saberei bem explicar qual foi o critério para a diversidade das fontes teóricas, já que uma é literária, outra é bíblica e uma de uma autora que usa as redes sociais para mostrar seus escritos. Apenas procura significados que dialogavam com o tema tratado e assim seja uma

frase para dar início a um assunto, para complementar o pensamento do que foi dito ou uma pausa de muita informação visual foi encaixado na hora da montagem.

Portanto, além das edições para retirar o erro de algumas imagens com um pequeno pixel vermelho ocasionando ruído na imagem que foram retiradas no DaVinci, parte do que sobrou para o tratamento foi só os ajustes de cor no vídeo. Neste caso, apenas diminuí a exposição para -31 e aumentei a saturação para 3 em todas as imagens para ficar uniforme. É claro que teve outras imagens que ocorreu uma superexposição e por filmar sozinha eu não percebi, então foram editadas individualmente.

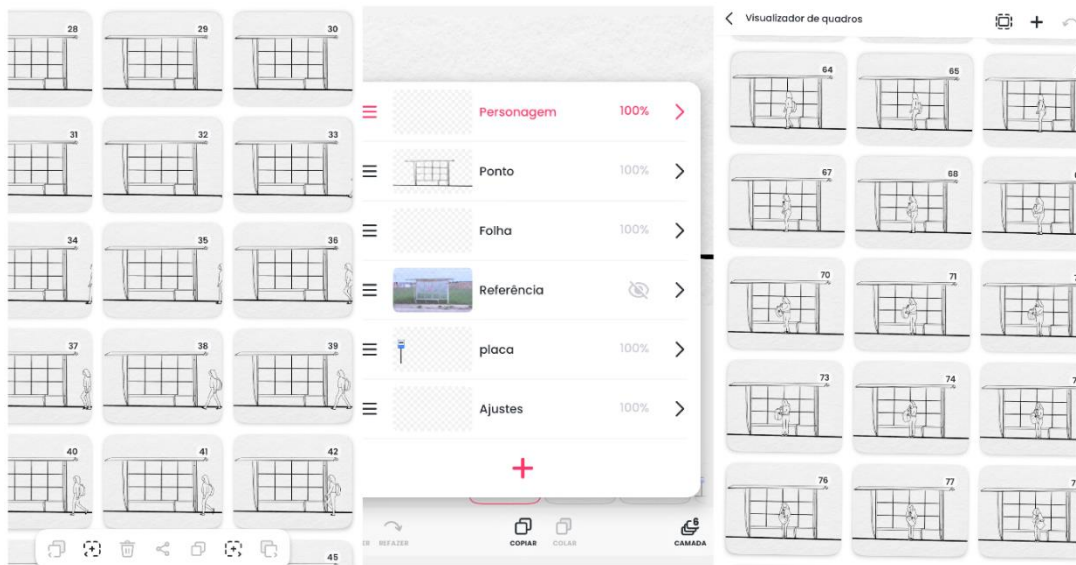
4.2 Rotoscopia

O termo roscopia é bastante conhecido por alunos, cineastas e professores do Curso de Cinema e Audiovisual. Um pouco desconhecido para outros como minha família que me questionariam o porquê dos desenhos repetitivos. Mas, para deixar explícito neste documento a roscopia é uma técnica de animação e efeitos visuais que envolve traçar sobre filmagens *live-action* (com cenas reais) quadro a quadro, para criar sequências animadas que reproduzem os movimentos realistas das pessoas ou objetos filmados.

Apesar de inserir este elemento em meu filme, só tinha feito uma animação desse tipo uma única vez na disciplina de animação do professor Márcio Venancio no ano de 2024. Onde illustrei uma bailarina e de início já gostei muito de desenhar, no começo achei que seria complicado. Mas desde criança sempre fui fascinada por aqueles pequenos cadernos que ao folhear os desenhos de cada folha se torna uma animação, um *Flipbook* (também chamado de folioscópio em português). E na minha visão achei muito parecido com desenhar no digital mudando de pouco em pouco os movimentos para no final tudo se torna uma animação.

Fiz a animação por meio de um tablet com uma canetinha o que facilitou muito o processo. Utilizei o aplicativo FlipaClip e demorei uns 6 dias para fazer. Já que é um pouco demorado transformar o vídeo em uma sequência de imagens, depois adicionar as imagens e desenhar na camada acima de todos os frames (que no meu caso foram apenas 133). Adicionei uns elementos que não tinha no vídeo original como a placa de ônibus e a folha em pleno voo.

Figura 9: Processos da Rotoscopia



Fonte: Captura de tela do FlipaClip, 2025.

Acho válido destacar o porquê da escolha da roscopia em meu filme. Em razão de entrar como elemento que se junta a minha fala durante o filme. Quando narro que “Chegou vezes que o meu lado desenhista me forçou a ilustrar, porque de certo modo queria de forma descritiva ao olhar o que vi e fotografei com os meus olhos. Mas, na maioria das vezes, essas imagens se perderam em algum lado do meu inconsciente. [...]” estou resumidamente dizendo sobre momentos de contemplação do cotidiano em que surge em mim o desejo de guarda e detalhar momentos nem que seja em um desenho. Por assim dizer achei boa a ideia da roscopia para exprimir esse sentimento. E escolhi um vídeo no qual estou sentada no banco esperando o ônibus que acredito assimilar com o tema da rotina retratado no filme.

Outra questão é sobre a segurança de fazer um filme-ensaio e elementos como esse poder ser encaixados sem inquietações sobre as características que se deve obter ou não no gênero. Inclusive, no vídeo ensaio aqui já citado que fiz com os dois objetos na disciplina de fotografia e iluminação II, usei esses artificios. Não a roscopia. Mas, desenhos que interligavam com a minha fala e trazia um apelo e compreensão visual.

4.3 Som

De início as gravações de voz-over foram feitas pelo celular, pois no começo optei por deixar de lado a ideia de usar os equipamentos de som emprestado que o curso disponibiliza. Visto que, precisava de tempo e uma pessoa para me ensinar como usar. Pois confesso que mesmo com as aulas não memorizei os botões e configurações certas para o manuseio de forma correta dos gravadores. A falta de prática e uso com os equipamentos tornou difícil o êxito.

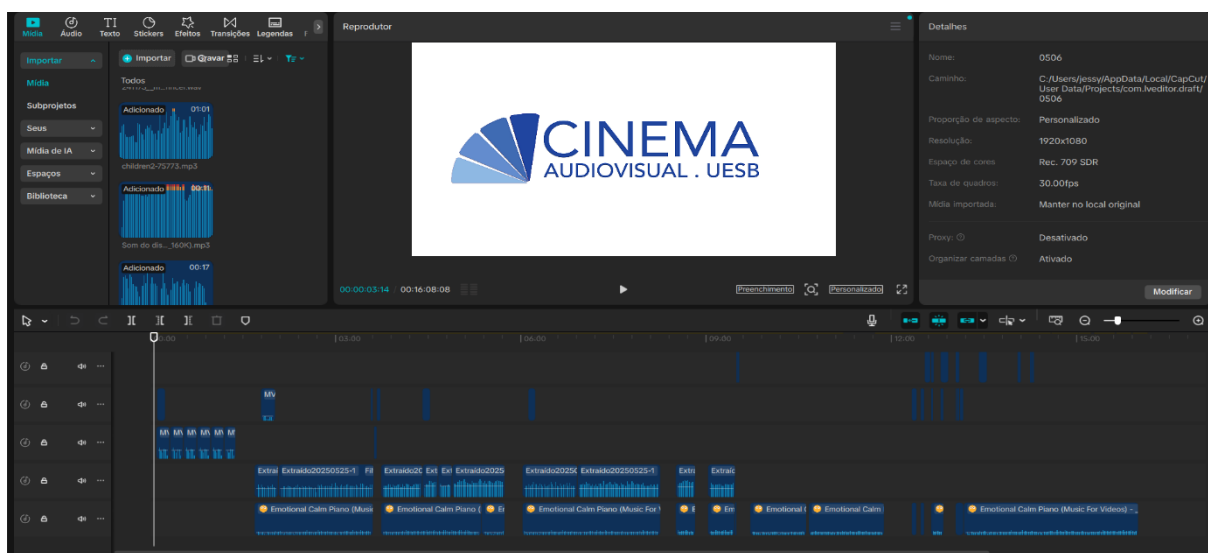
Deste modo, em um dia que tinha acabado de fazer os últimos ajustes no roteiro resolvi gravar. Pois já sabia que em minha casa mesmo eu estando dentro do guarda-roupa (o que confesso que já fiz em prol da arte) não adiantaria visto que a vizinhança é bastante barulhenta em questão de caixa de som, crianças gritando e papagaio cantando. No início confesso que não gostei do áudio, mas quando editei no programa de edição para uma alta resolução ficou do jeito que eu queria. Neste processo fiquei confusa se colocaria voz como um sussurro já que era para mostrar que eu estava pensando e escrevendo sobre o tema e no fim aprovei a ideia.

Vejo que o que mais retardou o processo de edição foi quando percebi que deixei de gravar a voz-over de 3 cenas (provavelmente devo ter esquecido de apertar o botão para salvar e pulado para a próxima narração). Porém, resolvi o problema gravando no mesmo momento tudo que faltava.

Em relação ao som na hora da montagem houve alguns áudios de fundo como galo, crianças brincando, agitação no centro e sons ambientes eu retirei de sites gratuitos que disponibilizam variedades de sons para *download* (no meu caso o Pixabay e o FreeSound). Vejo que mesmo depois de pesquisar qual música seria com fundo musical, eu decidi a primeira opção desde antes da procura que era por uma trilha que já tinha usado em outro trabalho.

Como já citado algumas gravações foram danificadas o áudio pois no dia da gravação tinha uma obra por perto. Nestes casos eu extraí os sons de outros vídeos que gravei. Na obra final é possível ouvir esses sons modificados de lugar logo no início do vídeo, por exemplo quando retirei o áudio no qual estou sentada na grama e adicionei exatamente ao começo onde colho as folhas, me poupando tempo de procurar em plataformas digitais.

Figura 10: Timeline junção de som



Fonte: Captura de tela do editor CapCut, 2025

Após o segundo corte do filme ensaio, percebi que as gravações de voz em dias diferentes não combinavam e a entonação ficava em certos momentos muito destoantes em volume e forma de narração. Então foi preciso uma nova gravação para o áudio. Dessa vez, foi com o gravador e microfone ofertados pelo curso e o local da gravação foi no estúdio da TV UESB, possibilitando menos ruídos e melhor qualidade de som.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que o resultado pretendido na obra foi o de ressaltar a fotografia não apenas como parte da memória, mas também como elementos de apreciação e de pausa. Ao gravar as cenas do cotidiano tentei fugir do comum do que é mostrado em noticiários ou vídeos que se tem como foco a rotina, ônibus lotado de pessoas, trânsito e correria. Isso está em todo lugar. Inclusive na nossa imaginação. Visto que muitos observam imagens como está no próprio dia a dia. Então tentei ao máximo obter essas cenas de forma mais controlada e usar através do *voz over* o imaginário do próprio espectador. Que o mesmo preenchesse imagetivamente as suas próprias visões e vivências do fato.

Então a escolha de ser feito um chá durante a média-metragem foi feita através da reflexão e encaixe de um assunto que está presente na obra que é a técnica de observação e descontração chamada 5,4,3,2 e 1. Onde, na busca de procurar 5 coisas no ambiente para ver, 4 coisas para tocar, 3 coisas para ouvir, 2 coisas para cheirar e 1 coisa para sentir o gosto. É feito através dos sentidos a prática para relaxamento. E observo que no processo de preparo para um chá se tem muito estímulo sensorial e olfativo, por exemplo, em suas texturas seja a pegar em uma folha ou segurar uma caneca quente e seus aromas que para alguns traz lembranças de momentos vividos sejam eles felizes e nostálgicos (em momentos com a família ou o conforto de uma bebida quente em dias frios) ou até mesmo tristes (como os hábitos de chás em funerais). O poder do chá junto a sua memória afetiva transforma em uma capacidade de se conectar a momentos, rituais e experiências sensoriais que são carregados de lembranças. O chá, nesse sentido, atua como um gatilho sensorial e contextual para o resgate de memórias emocionais. Além de ter todo processo manual no preparo até estar pronto para ser ingerido.

O que no começo foi uma ideia considerada contraditória ao relacionar com rotina, no fim do trabalho fui identificando suas semelhanças. Em rotinas aceleradas a prática de estar no presente no momento (como se espera da técnica 5,4,3,2 e 1) é muitas vezes transformado os processos no modo automáticos ou até mesmo facilitados (como sachês de chá pronto em curto de tempo no micro-ondas). Todas as ações muito mecânicas e facilitadas para os diversos afazeres do dia. Sem querer, somos levados a um estado onde a pausa e a observação são deixadas de lado, e neste quesito vejo que a fotografia nos ajuda. Tanto na memória quanto na observação. Além de invocar lembranças, ao olhar uma imagem pode desencadear recordações com pessoas, lugares, cheiros, sons e emoções associadas àquele momento. Assim como chá a fotografia tem um “gatilho” para desbloqueio de memórias ou até mesmo mecanismos que nos

convida a ter mais calma ou olhar com mais calma. Sei que atualmente preocupam mais em fotografar um evento do que em vivenciá-lo plenamente. Porém, neste vídeo ensaio tento alertar para o fato de usar a fotografia depois de um longo momento de pausa e apreciação. As fotos se tornando então uma lembrança do momento realmente vivido e aproveitado.

Os meus maiores desafios para este trabalho foi com certeza tudo em questão ao tempo. Decidindo quais momentos eu separaria para a gravação externa e revezamento de tempo antes para a escrita do roteiro e logo depois para o memorial. Vejo que com a disciplina e organização de qual área focar durante os meses que se procedeu trabalho me possibilitou mais tranquilidade.

O projeto durou cerca de um ano e meio se for contar com a pesquisa no primeiro semestre sob orientações em sala de aula. No segundo semestre houve a mudança e/ou encaixe sobre o tema do cotidiano. E por fim no total de mais 6 meses se teve o processo da conclusão da obra, que para mim foi o mais complicado pois tudo ocorreu nele seja a junção do roteiro, gravações, montagem e escrita. Entretanto, desde o início da graduação sabia que é a decisão de fazer um trabalho de forma individual ocasionalmente teria um acúmulo de funções e tarefas então já tinha me preparado para lidar com as consequências que viriam ao longo do processo.

É importante ressaltar que utilizei a maioria dos meus aprendizados no curso de Cinema e Audiovisual. E obtive em mente sempre que não poderia romantizar rotinas que prejudicam a saúde física ou psicológica das pessoas que precisam enfrentar esse cotidiano para sobreviver e ter condições de vida digna. Pelo contrário o resultado pretendido é mostrar como exercer um pouco de pausa de descanso nessa aceleração, é necessário. E como a fotografia ajuda neste processo. Pois, como afirma Sontag: “Hoje tudo existe para terminar numa fotografia” (2004, p. 23). Qual fotografia do dia hoje, você terá de recordação amanhã?

REFERÊNCIAS

- BATTEUX**, Charles. *As belas-artes reduzidas a um mesmo princípio*. Tradução de Márcia Abreu e outros. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- BLANCHOT**, Maurice. *Pausas do Destino*. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- BORDWELL**, David. *Narration in the Fiction Film*. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.
- BROWN**, Brené. *Mais forte do que nunca: como a vulnerabilidade nos ajuda a transformar nossa vida, nosso amor e nosso trabalho*. Tradução de Ryta Galvão. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017. p. 48.
- CORRIGAN**, Timothy. *The essay film: from Montaigne, after Marker*. New York: Oxford University Press, 2015.
- ECO**, Umberto. *Sobre livros: de bibliotecas, Borges, Gutenberg e outras divagações*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- EISENSTEIN**, Serguei M. *A forma do filme*. Tradução de João Luiz Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- FELIZARDO**, A.; Samain, E. A fotografia como objeto e recurso de memória. *Discursos Fotográficos*, Londrina, v. 3, n. 3, 2007.
- HAN**, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MARTIN**, Marcel. *A Linguagem do Cinema*. 8. ed. São Paulo: Global Editora, 2003.
- MOURÃO**, Maria Dora Genis. *A montagem cinematográfica como ato criativo*. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, São Paulo, v. 33, n. 25, p. 229-250, jun. 2006.
- MURCH**, Walter. *Na hora do corte: uma perspectiva sobre a montagem de filmes*. Tradução de André Soares. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- PESSOA**, Fernando. *Livro do desassossego por Bernardo Soares*. 6. ed. Lisboa: Ática, 1982.
- CROCE**, Benedetto. *Breviário de estética: Aesthetica in nuce*. Tradução de Rodolfo Ilari Júnior. Prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: Ática, 1997.
- SALGADO**, Sebastião. *Da minha terra à Terra: depoimento a Isabelle Francq*. São Paulo: Paralela, 2014.
- SONTAG**, Susan. *Sobre fotografia*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SUNIM**, Haemin. *As coisas que você só vê quando desacelera: como manter a calma em um mundo frenético*. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

TRUFFAUT, François; **HITCHCOCK**, Alfred. **Hitchcock/Truffaut**: entrevistas. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VARDA, Agnès. *Cine-ensaio*. Tradução de Maria Luiza Aboim Inglez. São Paulo: Cosac Naify, 2017.

APÊNDICE

Texto narrado no filme

Quando eu era criança costumava passar horas olhando para o céu... Procurando formatos nas nuvens que me lembra-se objetos e coisas reais. A observação minuciosa nas nuvens que com o tempo se desfazia.

A observação nos formatos que não iriam nunca voltar ao formato anterior. De tudo que se passou e não voltaria mais... Com o passar do tempo podia então guardar todos os retratos do céu com suas infinitas mudanças, podia revisitar todos os esses momentos e nuvens aceleradas que os meus olhos insistiam em paralisar...de observa.

Agora me pego pensando como o fato de querer paralisar os movimentos e a necessidade de deter esses momentos nem que fosse por segundos se uniu a mim. E como consequência, hoje, tentar encontrar instantes de alegria nos momentos mais corriqueiros, se tornou parte da rotina.

É claro que antes era mais fácil e nesses momentos de contemplação até costumava pensar....se o céu está sempre lá em cima de nossas cabeças, e em uma rápida olhada, vendo-o apenas como elementos da paisagem...o que torna ele diferente?

Cientificamente, a cor do céu é definida pela interação entre a luz do Sol e a atmosfera da Terra e as nuvens são aglomerados visíveis de partículas formados por água e/ou gelo suspensos na atmosfera terrestre. Se essas reações atmosféricas estão então sempre acontecendo. O que torna ele tão diferente a ponto de querer observar, apreciar ou fotografar?

Melhor dizendo se as paisagens do cotidiano são sempre as mesmas, o que tornaria ela tão diferente em minha rotina a ponto de querer observar, apreciar ou fotografar? Eu gosto como a fotografia junta tudo isso. A memória e a observação. Junto a tentativa de encontrar alívio e apreciação em pequenas coisas, guardar memórias de simples coisas que depois se torna tudo. Tudo de mais importante, aquilo de lembrança do que valeu a pena ter vivido e que daríamos tudo para viver novamente. É aquilo...nós apegamos ao passado porque até as memórias permanecem instáveis nesse mundo de constante mudança. Porém, trazendo tudo para o momento presente acredito que é muito mais fácil quando a paisagem em volta de nós nos encanta e prende nossa atenção. Mas,

E quando a vida abre espaço para uma rotina monótona? Onde enxergar beleza ao redor se torna cada vez mais difícil... Lembro que para contornar tanto barulho e agitação do

dia fazia uma técnica bastante conhecida chamada é 5,4,3,2,1. Ela é usada como forma de controlar a ansiedade. E não seria novidade que em meio a esse cotidiano tão frenético eu lhe dissesse que comecei a praticar essa técnica como mantra. Um exemplo para não passar despercebido para aqueles que não conhecem a técnica. Eu preciso procurar 5 coisas que eu consigo ver, 4 coisas que eu consigo tocar, 3 coisas que eu posso ouvir, 2 coisas que eu posso cheirar e 1 coisa que eu posso sentir o gosto.

Sendo bem sincera no começo era horrível porque pensa bem o último lugar que queria estar "Aqui e Agora" não seria no meio daquele caos. Inserida e afogado na mesma rotina na mesma paisagem. Pois veja bem, nessa imagem a som. Consegue ouvir? A pessoas conversando, carros passando e buzinando, vendedores gritando, músicas em diversas lojas tocando e sem perceber em pequenos murmúrios sua mente tilintando.

Por muito tempo senti que fui observadora da minha própria vida, como se algo em mim sáísse do corpo em situações que eu só queria observar.

Observar durante todo trajeto do ônibus como cada pessoa se comportava em uma ligação de voz na rua, como pessoas religiosas reagiria ao passar em frente a uma igreja, como um desconhecido cumprimentaria o motorista do ônibus, quanto tempo alguém demoraria de virar a página de um livro, como uma pessoa atravessaria uma via perigosa e daria de cara com um pedinte a sua espera, nos artistas sentados nos centro da cidade vendendo suas artes, os moços que puxavam consigo uma banca de frutas ou até mesmo como os cachorros sem donos mostrariam a um grupo de adolescentes que queria um pedaço de seu lanche. E por muito tempo forcei o abito de imaginar esses pequenos momentos cotidianos em fotos. Nesses momentos que eu deixava de ser eu e passava acompanhar como se em terceira pessoa, como se eu pudesse entender como esse mundo caótico e agitado funciona. Me sobravam imagens em mente que queria mostrar ao mundo, como exemplo de "VEJA SO. OLHE O QUE REGISTEI EM MINHA MENTE E COM MEUS OLHOS.VEJA SE NÃO HA UMA BELEZA ESCONDIDA". Porém,

infelizmente essas imagens só existiam em minha mente e daqueles que de relance, sem expectativa de guardar aqueles momentos.

Chegou vezes que o meu lado desenhista me forçou a ilustrar, porque de certo modo queria de forma descritiva ao olhar o que vi e fotografei com os meus olhos. Mas, na maioria das vezes, essas imagens se perderam em algum lado do meu inconsciente...

Por algum lado da pessoa que deixou de sair de casa no único dia de descanso por estar cansada demais. Que fechou os olhos com tamanha dor de cabeça no ônibus que esqueceu o porquê de observar pela janela, a pressa tomou conta, não tem por que parar para observar um artista. Escutar a história de um pedinte. Observar um cachorro e suas graças. É tudo tão apressado.

A verdade é que estamos cada vez mais afundados em nosso próprio "eu" que esquecemos de que as pessoas não são figurantes e apenas partes da paisagem. Está cada um tendo seu dia diferente, cada um vivendo, sofrendo ou sobrevivendo à monotonia do cotidiano da sua maneira. Eu sei que é difícil achar um equilíbrio entre não ter pressa e não perder tempo, desacelerar a vida, mas continuar a caminhada. E Por falar em caminhada. Costumava acreditar que o processo da caminhada tem muito mais a nós ensinar do que o destino de fato. Mais e quando os caminhos se tornam iguais?

Acredito que muitas vezes esses caminhos e estes trajetos se tornam cada vez mais longe porque, nesse mundo de constante cobrança, estamos sempre a um passo à frente. Acordamos e já pensamos no ônibus que estará no ponto, tomamos banho pensando no que fazer no trabalho, trabalhamos pensando no que devemos fazer quando chegar em casa, tudo isso esperando o fim de semana chegar. Muitas vezes, viver pensando no futuro se torna algo automático.

Mas, penso que se tem uma espécie de salvação no meio de todo cotidiano. Como um súbito de pensamento após um dia ou algum momento feliz do tipo, é isso que é estar vivendo porque, sim, "estar vivendo é diferente de estar vivo". E essa sensação é como querer morar naquele momento para sempre, como se fosse a primeira colherada de brigadeiro ou um banho depois de um dia cansativo, ou após arrumar toda a casa. É como se fosse o vento que deixa no ar o cheiro de roupas estendidas no varal. É como se fosse cheiro de bolo saindo do forno, o cheiro de um livro novo e o perfume de um bebê. Porque se parar para pensar a vida acontece nos dias comuns e isso é perfeito.

No fim das contas é isso que ficará na recordação. E assim, como o chá a memória se torna um consolo: como um gole que aquece, um silêncio que fala, uma pausa que nos traz paz. Ambos com o poder de costurar o tempo.

E ao querer fotografar tudo isso se une. Meio que como fazer com que aquele instante o tempo parasse. Nem que fosse em um clique. Porque é isso, a fotografia nos obriga a estar presentes, a ver com clareza — o outro, o lugar, o agora. Porque se parar para pensar as fotos contam muito de nós e de nossas histórias.

Por exemplo, você. Qual foto que elencaria como prova de uma existência que valeu a pena ser vivida em meio a toda a sua trajetória?

É como imaginar por minuto. Que em um dia comum, em algum lugar, um adulto brinca com uma criança, e logo em seguida o adulto oferece uma comida para a mesma que come sorrindo e se lambuzando. Imaginou? Sei que cada pessoa imaginou um lugar diferente, aparência e idade dos indivíduos de sua maneira, cada um com um tipo de brincadeira ou de comida. A imaginação divergente tal qual como as fotografias feitas.

E se cada foto mostra a forma como cada um vê o mundo. Quais registros mostrariam o jeito de você apreciar o momento?

Voltando a falar da técnica de relaxamento vejo que ela me ajudou a olhar com mais calma. E comecei a praticar até mesmo sem perceber. Comecei a olhar de forma mais atenta a cada detalhe, tocar nas coisas e sentir suas texturas, ouvir os sons com mais atenção enquanto faço isso, sentir o cheiro com mais precisão e por fim apreciar o gosto com muita mais aptidão.

Para falar a verdade, eu não deveria estar pensando nisso agora, apagar esse texto e esquecê-lo da memória. Voltar a viver no desconfortável mais conhecido automático, já que ninguém teria tempo para ouvir o que escrevo aqui e agora. Afinal de contas, "**você deve estar muito ocupado**". (Pausa)E só cabe a você escolher quais dessas ocupações tomaram seu tempo e prevalecerão em suas fotografias e em suas memórias.